

OS ÚLTIMOS

Dois filmes de Marília Rocha

Há um mundo perdido no cinema de Marília Rocha; um mundo de marginalizados, envolto pelo avanço inexorável do tempo, mas ainda denso de histórias, de memória, de vida. A diretora brasileira, mesmo sem ter nenhum parentesco com Glauber, traz dele não só o sobrenome, mas também o desejo de ir além das fronteiras impostas pela cultura hegemônica e de colher, em uma pesquisa que não tem nada de preestabelecido, a alma profunda das coisas.

Seu cinema parte de uma base narrativa para se perder e se reencontrar ao longo de um caminho percorrido junto aos seus personagens. É um cinema à prova do real, que se forma sobre a experiência, sobre o vivido, encontra sua estrada fazendo estrada: nada de ideológico sobre seus ombros, nenhuma exigência de ensinar ou de informar, nenhum desejo de entreter com o “escândalo”; somente um olhar que procura à sua frente, atento e emocionado diante da descoberta. Um cinema que tem o ritmo de sua própria respiração.

Já *Aboio*, seu primeiro longa-metragem, testemunha esta paciente e teimosa capacidade de esperar, até que desabroche o milagre. Atingida por uma história de Guimarães Rosa que evoca um canto antigo do Nordeste do Brasil, Marília Rocha conduz um minucioso trabalho de documentação entre literatura, geografia e antropologia, atravessando três estados, Minas Gerais, Pernambuco e Bahia. Vai à cavalo, com sua trupe, como aqueles dos quais pesquisa os traços: os vaqueiros que conservam uma linguagem arcaica, semelhante a um canto, para se comunicar com os animais. O filme “venta” ao longo do percurso, cresce com os encontros, se alimenta de espaços, luzes e sons. A cineasta encontra o que procurava, mas, ao invés de documentar cientificamente o “aboio”, se perde nas histórias dos vaqueiros, nas teias daquelas faces cozidas de sol, no fascínio de uma cosmogonia nascida da terra. Sem aviso, o espectador se encontra transportado e envolvido em um mundo de pura analogia, onde a palavra do vaqueiro rima com as dos poetas e músicos, colhendo a luz ofuscante de uma biodiversidade no fluxo mortífero da globalização.

Acácio, seu segundo filme, presente no programa do festival de Roterdã, confirma não somente tais estilos de direção, feitos de uma investigação da respiração secreta de homens e coisas e de ampla disponibilidade ao imprevisto, mas também de uma decidida sensibilidade aos sujeitos sufocados, periféricos, esquecidos. Aqui estamos mais longe do Nordeste brasileiro. O jogo tem lugar entre três continentes: Europa, África e América do Sul. Marília Rocha encara a história de dois peões da colonização, vítimas de uma coincidência entre a História e as histórias. Acácio Videira e Maria da Conceição, moços apaixonados do início do século XX, decidem desafiar as convenções sociais fugindo para Angola, onde ele consegue um trabalho de fotógrafo e cinegrafista de uma empresa mineradora. Lá, vivem até o fim do império, em 1975, para retornar à pátria mãe como retornados, ex-colonos sem raízes, acusados de todos os malfeitos do salazarismo, e acabar exilados no Brasil.

“Qual é o mistério da vida?” parece se perguntar Marília Rocha, colocando sob a lente este casal de velhos que percorre novamente e comenta o passato através de ruínas arrastadas na fuga, obras de arte africanas, mas também immagini fisse ou em movimento de um mundo perduto. O filme não risponde de immediato: hesita, vira refém das extraordinárias filmagens de Acácio, se perde atrás das conversas “semi-sérias” dos dois personaggi, segue seu itinerário em Portugal e Angola, interroga e se interroga; até encontrar a “Rosebud” escondida em uma dupla exposição da película, a beleza de um átimo antes de ser apagado para sempre. Aqui, no mágico instante no qual a vida e o sonho se sobrepõem, dissolvem-se todas as esperas, o cansaço do avanço, a tensão de encontrar o caminho.

Os vaqueiros, Acácio e Maria eram os últimos. No cinema de Marília Rocha, os últimos se tornam os primeiros, como na origem do Mundo.

Luciano Barisone

GLI ULTIMI

Due film di Marilia Rocha

(versão original em italiano)

C'è un mondo perduto nel cinema di Marilia Rocha; un mondo di emarginati, travolto dall'avanzare inesorabile del tempo, ma ancora denso di storie, di memoria, di vita. La regista brasiliana, pur senza aver nessun legame di parentela con Glauber, ne porta non solo il cognome, ma anche il desiderio di andare oltre i confini, imposti dalla cultura egemone, e di cogliere, in una ricerca che non ha nulla di prestabilito, l'anima profonda delle cose.

Il suo è un cinema che parte da una base narrativa, per perdersi e ritrovarsi lungo un cammino compiuto insieme ai suoi personaggi. È un cinema alla prova del reale, che si forma sull'esperienza, sul vissuto, e trova la sua strada, strada facendo: niente di ideologico alle sue spalle, nessuna esigenza di insegnare o informare, nessuna voglia di intrattenere con lo «scandalo»; solo uno sguardo che cerca davanti a sé, attento ed emozionato di fronte alla scoperta. Un cinema che ha il ritmo del suo stesso respiro.

Già *Aboio*, il suo primo lungometraggio, testimonia questa paziente e testarda capacità di attendere, fino a sfiorare il miracolo. Folgorata da un racconto di Guimarães Rosa che evoca un canto antico del Nord-Est del Brasile, Marilia Rocha, reduce da un minuzioso lavoro di documentazione fra letteratura, geografia e antropologia, attraversa tre stati, Minas Gerais, Pernambuco e Bahia. Lo fa a cavallo, con la sua troupe, come quelli di cui ricerca le tracce: i mandriani che conservano un arcaico linguaggio, simile a un canto, per comunicare con gli animali. Il film si snoda lungo il percorso, cresce con gli incontri, si alimenta di spazi, luce, suoni. La cineasta trova quello che cercava, ma, invece di documentare scientificamente l'«aboio», si perde nei

racconti dei «cowboy», nella tessitura di quelle facce cotte dal sole, nel fascino di una cosmogonia nata dalla terra. Di colpo lo spettatore si trova sbalzato in un mondo di pura analogia, dove la parola del mandriano rima con quella di poeti e musicisti, cogliendo i bagliori di una biodiversità nel flusso mortifero della globalizzazione.

Acácio, il suo secondo film, in programma al Festival di Rotterdam, conferma non solo tali stilemi di messa in scena, fatti di una ricerca del respiro segreto di uomini e cose e di ampia disponibilità all'imprevisto, ma anche una decisa sensibilità verso soggetti «sfuocati», periferici, dimenticati. Qui siamo ancora più lontani del Nord-Est brasiliano. Il gioco si attua fra tre continenti: l'Europa, l'Africa e il Sud America. Marília Rocha affronta la storia di due pedine della colonizzazione, vittime di una coincidenza fra la Storia e le storie. Acácio Videira e Maria da Conceição, ragazzi innamorati di inizio secolo, decidono di sfidare le convenzioni sociali fuggendo in Angola, dove lui ottiene un lavoro di fotografo e cineoperatore per un'impresa mineraria. Ci vivono fino alla fine dell'impero, nel 1975, per tornare alla madre patria da reietti, ex-coloni senza radici, accusati di tutte le malefatte del salazarismo, e finire ancora una volta esuli in Brasile.

“Qual è il mistero di una vita?” sembra chiedersi Marília Rocha mettendo sotto la lente della macchina da presa questa coppia di vecchi che ripercorre e commenta il passato attraverso i relitti trascinati nella fuga, opere d'arte africana, ma anche immagini fisse o in movimento di un mondo scomparso. Il film non risponde subito: esita, resta ostaggio degli straordinari filmati di Acácio, si perde dietro alle chiacchiere semiserie dei due personaggi, segue i loro itinerari in Portogallo e in Angola, interroga e si interroga; fino a trovare la «Rosebud» nascosta in una doppia esposizione della pellicola, la bellezza di un attimo prima di essere cancellato per sempre. Qui, nel magico istante in cui vita e sogno si sovrappongono, si dissolvono tutte le attese, la fatica nel procedere, la tensione per trovare il cammino.

I mandriani, Acacio e Maria erano gli ultimi. Nel cinema di Marília Rocha, gli ultimi diventano i primi, come all'origine del mondo.

Luciano Barisone